

CERVANTES E SUA ÉPOCA

E. D. MACARTHY MOREIRA

Creio que a Miguel de Cervantes Saavedra vem a calhar, perfeitamente, o pensamento de Lamartine: "O gênio não é senão uma grande dor".

De fato, a vida do imortal autor do Quixote está marcada pela hostilidade persistente dos fados, que de mil modos atuam para aniquilá-lo, para dobrar-lhe o cerne, para mergulhá-lo no pó das humilhações e das desesperanças. Até parece, que da árvore da fortuna, consoante a pitoresca imagem de Lope de Vega em "*La noche toledana*",

"que en las ramas colgadas,
estaban joyas, banderas,
libros, honras, armas, fieras.
dineros, sogas, espadas,"

somente as desventuras caíam sobre a cabeça da extraordinária figura que hoje rememoramos.

No entanto, creio também, ao evocá-la, que boas razões tinha Buffon para dizer que "o gênio é a paciência", porque paciência e perseverança foram, muitas e muitas vezes, quase que os únicos alimentos de que se nutriu a alma do poeta, em seus anseios e aspirações, nas andanças deste mundo.

Corria o ano de 1547 e não era um ano bom para os espanhóis, muita particularmente para Don Rodrigo de Cervantes, cuja esposa, Leonor Cortinas, havia dado à luz um varão, que foi chamado Miguel, conforme o santo do dia.

Don Rodrigo de Cervantes vivia apremiado por dificuldades financeiras, em que pese a sua fidalguia. Embora filho de conceituado e bem sucedido advogado cordobês, que a seu tempo fôra alcaide, juiz, auditor do duque do Infantado e governador de Osuna, não lhe era possível manter o nível social da família com seu título de cirurgião e, para ostentar o de médico, lhe faltavam os indispensáveis conhecimentos de latim e humanidades.

O casal, que com Miguel via chegar o quarto filho, estava na situação aflitiva de muitos outros de seu tempo, realizando esforços sobrehumanos para manter o **status** social, com a miséria quase que portas a dentro.

Os descobrimentos marítimos haviam trazido imensas riquezas para a Península Ibérica — especiarias e outros produtos do Oriente, metais preciosos da América — mas estas como que escorriam por entre os dedos hispânicos

e se repartiam pela França, pela Alemanha, pelos Países Baixos, pela Inglaterra. A causa disso foi a carência de meios comerciais adequados a assegurar a difusão dos produtos ultramarinos e, principalmente, a falta de indústrias suficientes para equiparar suas frotas e atender convenientemente a demanda interna de utilidades, bem como a das colônias.

A importação desordenada de produtos manufaturados, decorrentes da abundância de ouro e prata nos primeiros decênios após a epopéia marítima dos Quinhentos, a demanda de artesões e negociantes estrangeiros, (dizia-se que na Catalunha havia mais Franceses que naturais do país) para prover as necessidades do maior poder que se levantava no mundo após a queda do Império Romano, foi golpe mortal num futuro que se afigurava promissor. As belas, mas insuficientes, indústrias espanholas de tecidos, sêdas e armas foram abandonadas e como que desapareceram.

Os compromissos assumidos por Carlos V junto aos banqueiros Fugger de Augsburgo, para eleger-se imperador em 1519, para fazer as guerras contra a França, contra os protestantes e o êrro de Metz, em que pesem as glórias advindas, garantia aos donos de um nome, que por corruptela tornou-se uma palavra que designava a usura — **fuggerei** — “a segurança nos seus domínios de Nápoles e dos Países-Baixos, arrendava-lhes os rendimentos da coroa em Espanha e deixava-lhes a exploração das minas de mercúrio da Alemanha e das minas de prata de Guadalcanal”. As leis publicadas em Madrid e Toledo no ano 1525 deixam-nos praticamente livres para qualquer tipo de especulação.

Segundo Roland Mousnier: “Em 1527 os Fugger, que haviam começado com uma capital de 196.991 florins, tinham ganho em dezessete anos, 1.824.441 florins, ou seja um rendimento de 54,5% ao ano”. Dessa quantia, fabulosa para a época, não foi mofina a parte que tocou à Espanha.

O crescimento das áreas urbanas nos começos do século XVI, o abandono dos campos devido às guerras longínquas e às aventuras coloniais, associados aos flagelos da natureza, agravam a situação que piorava dia a dia: más colheitas a provocar o pânico em Castela e Portugal em 1521; em 1525 a Andaluzia é assolada por terrível sêca. O espectro da fome ronda os lares dos camponeses e cidadãos arruinados.

A alta de preços é um fato, com o verdadeiro derrame de metais preciosos, fruto da expansão ultramarina. Especialmente após a conquista do México por Cortez (1519-1522) e do Peru por Pizarro (1532-1535), assim como depois de descobertas as minas de prata de Potosi, em 1535, o metal precioso jorrava em Espanha, na qual, entre 1501 e 1525, os preços subiram cêrca de 50%, e, entre 1525 e 1550 cêrca de 37%. Se pelos padrões atuais tais dados não chegam a impressionar, na época, o povo que vinha de uma economia em moldes restritos, rotineira e sem mudanças bruscas, ao estilo medieval, bem que sentiu a nova conjuntura.

No curso do século XVI a moeda perdeu 3/4 de seu valor ou, por outra, os preços quadruplicaram. A alta de preços foi proveitosa para os produtores e intermediários, mas foi lesiva para os que viviam de rendimentos e para os assalariados: enquanto os preços aumentaram de 400%, os salários aumentaram de 50 a 80%. Certos nobres pouco providos de terras, inexperientes em negócios ou absorvidos por guerras distantes, não souberam ou não puderam tirar partido da situação.

Devemos a Luiz M. Baudizzone a pintura deste quadro: “Os dobrões cunhados incessantemente com o mineral americano, permitiam à Coroa pe-

gar seus exércitos — os primeiros de sua época — comprar aliados, abrandar posições. Mas êsse poder, em um têrço de século, haveria de ser a causa da ruína de tanta grandeza.

Esse jôrro contínuo de ouro que passava pelos portos de Espanha continuou sua carreira em direção ao resto da Europa, corroendo de passagem os alicerces do Império.

Para que trabalhar as terras, pensavam os senhores — netos apenas daqueles que as haviam conquistado guerreando contra os mouros —; para que trabalhá-las se com ânimo aventureiro poder-se-ia chegar a uma ilha qualquer, lá nas Índias, com ruas, palácios, cães, aves, tudo de ouro puríssimo e brilhantes? Para que trabalhá-las se uma mercê real podia dar mais que quarenta pradarias florescentes de trigo? Para que envelhecer na dura faina da terra, perguntavam-se os jovens campônios, se o dinheiro, o poder, a glória se podiam conquistar com um instante de valor?

E assim os prados andaluzes, orgulho e riqueza da Espanha, se foram convertendo um após outro em coutos onde bramava a caça maior, e nos olivais começavam a fossar livremente os ásperos javalis. Para que arriscar trabalho em uma indústria se ali, ao alcance da mão, estava o ouro, o ouro que permitia comprar brocados orientais e panos da Inglaterra?

Tôda a estrutura social estalava e se partia de alto a baixo.

Os fidalgos camponeses viam empobrecer a sua fazenda, que deviam vender pedaço a pedaço, já que os arrendamentos não davam para o cozido diário e para o pombo de cada domingo, e num bom dia qualquer iam à Côrte do Imperador em busca do emprêgo no Ultramar, na Itália ou em Flandres, que lhes permitisse continuar usando golinha engomada e espada ao cinto, e ali viviam, meio por milagre e meio por caridade, à espera do destino que tudo devia resolver.”

As lembranças dos tempos fartos, de boas comidas e melhores bebidas, dos bons tempos dos Reis Católicos, davam o tom nas rodas de prosa dos mais velhos. Por algo havia de escrever Baltazar Gracián em “**El Criticón**”, que pdiam “forjarse cien reyes de un don Fernando el Católico, y aun le quedaba sustancia para otros tantos”.

Quevedo, em “**El chitón de las tarabillas**”, ao fazer falar as moedas, depõe a respeito da crise que focamos, no meio da qual veio ao mundo Cervantes: “Dice el real de plata... que él valía cuatro reales de cobre en tiempo de don Fernando el Católico; que vino el glorioso emperador Carlos V, y las necessiddaes, o las revueltas, o la desordem (que no afirma cuál de éstas cosas fué) le quitaron un real y quedó valiendo tres. Vino Felipe II, y quitáronle otro, y valió dos... Vino el señor rey don Felipe III, y quitáronle otro real y valió el real de plata un real de cuartos”.

Don Rodrigo de Cervantes perambulou tôda a vida de um lado para outro, atrás de uma sorte que lhe não sorria, de uma fortuna que estava fora de seu alcance. E com êle a família e os credores, que lhe mordiam o garrão.

Em 1564 instala-se em Sevilha. Aparece como dono de algumas casas. Dá um pouco de descanso à mulher e aos filhos.

Esta cidade da qual diz o provérbio — “quien no ha visto Sevilla no ha visto maravilla!” — tinha, aos olhos dos contemporâneos, prestígio equi-

parado ao de Madrid, pois se esta era a Córte, a outra era a cabeça do Império; lá estavam os serviços da **Casa de Contratación**, verdadeiro ministério do Ultramar.

Como a Espanha se reservara o direito de comerciar com suas colônias, era para Sevilha que afluíam as mercadorias de tôdas as origens, que as frotas deviam transportar para as Índias: panos da Normândia, telas de Angers e Laval; estôfos e brocados da Itália; madeiras e aparelhos para a construção naval vindos de Hamburgo e Lübeck, bem como provisões de bôca para marinheiros e soldados.

Lá estava o celebrado "mercado universal do mundo", como então se dizia, o **Arenal**, celebrado por Lope de Vega:

"Toda España, Italia y Francia
Vive por este Arenal
Porqué es plaza general
De todo trato y ganancia".

A sua população chega, na segunda metade do século XVI a 150.000 habitantes; é maior, pois, que a de Madrid, que anda pela casa dos cem mil. São tantos os escravos, que os castelhanos de passagem pela cidade tinham a impressão de que constituíam pelo menos metade da população. Era uma cidade onde campeava o luxo. O gôsto pela ostentação refletia-se até nos ofícios da Semana Santa, cuja suntuosidade deixava muito para trás os de Roma, sede da Igreja.

Negócios violentos e freqüentemente excusos, pícaros e "esportilleros", autoridades impotentes ou venais, frades e monjas em quantidade, eis alguns dos ingredientes da vida sevilhana de então, vistos e sentidos pelo adolescente Cervantes, que haveria de rememorá-los em algumas passagens de seu "**Colóquio dos Cães**".

"Que te vou dizer — declara um dos cães — do que eu vi nesses matadouros e das coisas exorbitantes que aí se passam? De saída tu debes supor que todos os que aí trabalham, do menor ao maior, são pessoas de consciência muito larga, desprovidas de alma, que não temem nem a justiça nem o rei... São aves de rapina carniceiras; vivem e fazem viver suas amigos daquilo que roubam. Todos se orgulham de ser "bravos" e são todos mais ou menos rufiões".

Não nos esqueçamos também que Cervantes esteve na prisão de Sevilha por duas vêzes, em 1599 e 1602. Também foi aí que, com dezessete anos freqüentou o Colégio dos Jesuítas e conheceu o comediante Lope de Rueda, que o impressionou vivamente com sua arte e talento e ao qual faz carinhosa referência no prólogo de seus "**Entremeses**".

Embora os quatro anos seguintes de sua vida sejam obscuros, sem dúvida levou a existência do estudante pobre de então: "Vida como no habría otra — põe êle na bôca de um dos cães do "**Colóquio**" — si no fuera por la sarna y el hambre... porque corren parejas en ella la virtud y el gusto y se pasa la mocedad aprendiendo y holgándose".

O ano de 1568 encontra-o em Madrid como discípulo de Lopez de Hoyos. Êste publica os primeiros versos impressos de Cervantes, a propósito da morte da terceira espôsa do rei, uma elegia em tercetos e algumas redondilhas.

A importância desse fato é maior do que se supõe à primeira vista. Revela-se aí não somente a consideração de que Cervantes já era alvo por parte de seus mestres, como também quais as influências que dêles deve ter recebido, uma vez que Lopez de Hoyos, por exemplo, humanista reputado, faz nessa obra, como bem sublinha Américo Castro, uma verdadeira profissão de fé intelectual e filosófica ao citar, expressamente, o nome de Erasmo de Rotterdam, bem como um trecho de uma de suas obras, o que equivale dizer que tomava partido pelas novas idéias do Renascimento, há tanto tempo proclamadas pelo autor do "**Elogio da Loucura**", e que, com certo atraso e vários impedimentos, chegavam à Espanha. Tais idéias não eram bem vistas pelo Estado e é bem significativo que as seguisse o homem que chamava a Cervantes "meu caro e amado discípulo".

Não pode mais subsistir, pela própria análise da obra cervantina, qualquer dúvida quanto a ser o seu autor versado nas idéias mais progressistas de seu tempo e não um simples intuitivo.

No ano seguinte segue para a Itália a serviço do jovem Cardeal Acquaviva, o ilustre embaixador que o Papa havia enviado a Felipe II para dar-lhe as condolências pela morte de Don Carlos, seu único filho. Tinha então vinte e dois anos e só voltará à Espanha com vinte e nove.

Embora Menendez y Pelayo aluda fugazmente a essa fase da vida de Cervantes como fator formativo de sua personalidade, estamos com o Doutor Gherardo Marone, quando em seu estudo sobre a cultura italiana na formação do Quixote, diz ter a sensação de que os anos transcorridos por êle na Itália, em plena juventude, foram os mais fecundados e os mais felizes de sua estada terrena.

Diz textualmente o ilustre mestre da Universidade de Buenos Aires: "A felicidade da recordação da Itália se vislumbra em tôdas as suas obras, de tal modo que não se pode duvidar dela; e tanto que até os últimos anos de sua vida sonhou voltar lá". E noutra passagem assinala com senso psicológico: "No ano 1569 Cervantes tinha vinte e dois anos e quando retornou à Espanha vinte e nove. Em seguida sobrevieram os cinco anos de escravidão em Argel e logo, a partir de 1580, a vida na Espanha, transcorrida entre misérias, pequenos ofícios aduaneiros e injustos cárceres. Os sete anos italianos deviam aparecer, portanto, envoltos no mesmo nimbo da juventude e da aventura que os havia acompanhado".

Na verdade, como bem anota o citado mestre, se evocarmos todo o rol de aventuras e desventuras desse gênio, que viveu na indigência e na amargura pela falta de reconhecimento de sus conterrâneos, ver-se-á que sua vida só teve um parêntese de felicidade: os sete anos de Itália.

Das abundantes e gostosas comidas italianas, assim como do ambiente de cultura e refinamento do Renascimento, ficaram boas lembranças na memória de Cervantes, que no umbral da velhice as retocou de fantasias e ilusões.

Assim, por exemplo, em "**La fuerza de la sangra**", lê-se: "y el con dos de sus camaradas se partió luego, goloso de lo que había oído decir a algunos soldados de la abundancia de las hosterías de Italia y Francia, y de la libertad que en los alojamientos tenían los españoles. Sonábale bien aquel: **Ecco li buoni pollastri, picioni, presuto e salcicie**, con otros nombres de quien os soldados se acuerdan cuando de aquellas partes vienen a estas y pasan por la estrechez y las incomodidades de las ventas y mesones de España".

No "Licenciado Vidriera", outra das "Novelas Exemplares", escreveu: "Alabó la vida de la soldadesca, pintóle muy al vivo la belleza de la ciudad de Nápoles, las holguras de Palermo, la abundancia de Milón, los festines de Lombardía, las esplendidas comidas de las hosterías; dibujóle dulce y puntualmente el aconcha patrón, pasa acá, manigoldo, venga la macatela, li polastri e li macaroni".

As evocações gulosas seguem-se as das cidades opulentas e afamadas; das mulheres lindas e homens galhardos de Gênova; ou Milão de infinita riqueza porque "allí no solamente hay oro, sino oros". Roma inspira-lhe sonetos que se coloca entre suas melhores poesias:

"Oh grande, oh poderosa, oh sacrosanta,
Alma ciudad de Roma! a ti me inclino
Devoto, humilde y nuevo peregrino,
A quien admira ver belleza tanta".

É a Nápoles, porém, que êle se entrega de corpo e alma. Suas mil e uma impressões, particularidades e histórias, se infiltram aqui e ali em sua obra.

Não é possível duvidar do quanto a estada na Itália afetou a elaboração da personalidade cervantina bem como seu labor literário. Quando mais não fôsse, alguma luz já se teria pelo escrutínio, levado a cabo pelo Cura e pelo Barbeiro, da biblioteca de Don Quixote, na qual aparecem alguns autores italianos. A presença de Ariosto é, por exemplo, marcante no Quixote, ora lembrado, ora parafraseado.

Ao encerrar-se o ano de 1570, o Papa, o rei da Espanha e a República de Veneza, fazem um tratado de luta e proteção contra os Turcos, cada vez mais audaciosos nas águas do Mediterrâneo. Em agosto de 1571, chega a Nápoles Don João de Áustria, chefe dos confederados, com poderosa esquadra. Na galera "La Marquesa", entre os soldados, está Cervantes, porque "ya que la guerra no dé muchas riquezas, suele dar mucho valor y mucha fama". (D. Quixote — onde o cativo conta sua vida e sucessos).

A sete de outubro são avistadas as naus do sultão no golfo de Lepanto e a frota cristã forma sua frente de batalha ao largo de cinco quilômetros e meio, mais ou menos. À direita, comandava Andrea Doria, o Genovês; o grosso, ao centro, estava sob D. João de Áustria; Barbarigo, o Veneziano, liderava a ala esquerda. Entré as galeras dêste estava "La Marquesa", na qual enfermo e febril, não há quem contenha a Miguel de Cervantes, que por força quer ser um dos protagonistas, e não mero espectador, da maior batalha de seu tempo.

Com doze homens sob seu comando, salta a um falucho e combate denodadamente: "Mal se apresenta a batalha para êsse setor. As naves turcas conseguem passar a linha aliada e a envolvem em um terrível fogo. Barbarigo recebe um flechazo em um olho e moribundo recolhe-se à sua cabina, conhecendo da batalha somente o tremendo fragor e as notícias que algum capitão, prontamente reenviado à ponte, desce a transmitir-lhe. Os feridos gemem em todos os barcos; aqui e ali uma galera envolta em chamas se torce lentamente, enquanto suas madeiras chamam ao afundar-se no mar".

A luta, que havia começado por parte do meio-dia, vai amainando pelo fim da tarde, depois de morto Ali Paxá, o comandante em chefe turco, cuja

cabeça cravada num pico e levantada bem alto tornou-se o símbolo da vitória para os ocidentais.

Nosso herói, nessa jornada trágica e gloriosa, feita a propósito para sua alma ardente e destemida, recebeu três tiros de arcabuz: dois no peito e o terceiro na mão esquerda, que ficou inutilizada para sempre.

Essa marca, considerou-a daí por diante como a mais alta condecoração que recebera e, aos que o insultavam de velho e manco, respondeu de certa feita: "Si mis heridas no resplandecen en los ojos de quien las mira, son estimadas, a lo menos, en la estimación de los que saben dónde se cobraron; que el soldado más bien parece muerto en la batalla que libre en la fuga; y es esto en mí de manera, que si ahora me propusieran y facilitarán un imposible, quisiera antes haberme hallado en aquella facción prodigiosa que sano ahora de mis heridas sin haberme hallado en ella".

Mal curado de suas feridas e lutando sempre contra os fados que nunca o deixaram colhêr o que plantava, em abril de 1572 inscreve-se como soldado raso na companhia de Ponce de León, na véspera da segunda expedição de D. João de Áustria, que afinal resultou infrutífera, pois a frota de Ali Paxá esquivou-se a qualquer combate. As galeras espanholas voltam às suas bases na Sicília, de onde Cervantes, com seu irmão Rodrigo, dirige-se para Nápoles. É certo que lá teve alguma aventura sentimental da qual resultou um filho. Sobre êste assunto o escritor sempre correu o véu da discreção e não fôra uma referência velada, quarenta anos mais tarde, ao publicar a "Viagem ao Parnaso", de nada saberíamos.

Em 1572 empreende sua fatídica viagem de retôrno à Espanha, com várias cartas de recomendação, carregadas de elogios, inclusive do próprio irmão do rei, o mesmo D. João de Áustria.

Se a desventura dá madureza aos homens, conforme Pitágoras, o cativo de Cervantes deve ter na formação de sua personalidade, tanto pelo que assistiu como pelo que aprendeu em Argel, igual ou maior importância que os exploradores anos de vida italiana.

Suas cartas de recomendação foram, a um tempo, o seu azar e a sua sorte. Por um lado convenceram-se os seus captadores de que se tratava de alguém muito mais importante do que realmente era e fixaram seu resgate numa soma muito além das posses de seus parentes; por outro, no entanto, isso poupou-o um pouco das penúrias do cativo, pois não queriam os que o possuíam comprometer seu capital.

Empreende várias tentativas de fuga, tôdas infrutíferas, até que o próprio vice-rei Hassan Paxá compra-o, para ter algum descanso, por quinhentos escudos de ouro. Comprava dêsse modo sua tranqüillidade quanto aos outros cativos, quanto aos seus barcos e até quanto à cidade, porque como refere o Pe. Haedo, mais tarde arcebispo de Palermo, na obra "Topografia e História Geral de Argel": "Tanto temia as astúcias de Miguel Cervantes".

Em setembro de 1580 consegue a liberdade graças aos padres trinitários Frei João Gil e Frei Antônio de la Bela, que conseguem completar a soma conseguida pela família Cervantes, a custo de muito esmolar e rogar.

A volta dêsse cavaleiro andante do ideal aos seus pagos, após uma ausência de onze anos, não foi nada triunfal. De nada lhe valeram as suas preciosas cartas de recomendação. Lepanto já estava muito distante na lembrança dos políticos. A conjuntura internacional era outra e o interesse pelo problema africano era agora nulo.

Pequenos empregos aqui e ali são o resultado das peregrinações misteriais do importuno e eterno postulante.

Passa a freqüentar as tabernas onde se reuniam artistas e homens de letras, e como que ingressa em sua confraria. De uma ligação com Ana Francisca, atriz de teatro, vem sua primeira filha Isabel. Em 1584 publica "**La Galatea**", seguindo a moda do momento — a novela pastoril — que mais tarde ironizou no "**Diálogo dos Cães**". Nesta obra um dos cães conta ao outro, que já viveira no meio de pastores e "que no debía de ser verdad lo que hablo oído contar de la vida de los pastores; a lo menos, de aquellos que la dama de mi amo leía en unos libros cuando yo iba a su casa, que todos trataban de pastores y pastoras, diciendo que se les pasaba todo la vida catando y cañendo con gaitas, zampoñas, rabeles y chirumbelas, y con otros instrumentos extraordinarios. Deteníame a oírla leer, y leía cómo el pastor de Anfriso cantaba extremada y divinamente, alabando a sin par Belisarda, sin haber en todos los montes de Arcadia árbol en cuyo tronco no se hubiese sentado a cantar de Tetis; y aun después de haber tendido la negra noche por la faz de la tierra sus negras y oscuras alas él no cesaba de sus bien cantadas y mejor lloradas quejas..." "Todos los pensamientos que he dicho, y mucho más, me causarían ver los diferentes tratos y ejercicios que mis pastores y todos los demás de aquella marina tenía de aquellos que había oído leer que tenían los pastores de los libros; porque si los míos cantaban, no eran canciones acordadas y bien compuestas sino un

Cáta el lobo do va, Juanica,

y otras cosas semejantes; y esto no al son de chirumbelas, rabelas o gaitas sino al que hacía el dar de un cayado con otro o al de algunas tejuelas puestas entre los dedos; y no con voces delicadas, sonoras y admirables, sino con voces roncas que, solas o juntas, parecía, no que cantaban, sino que gritaban o gruñían.

Lo más del día se les pasaba espulgándose o remendando sus abarcas no entre ellos se nombraban Amarilis, Fílicas, Galateas y Dianas, no hablaban Lisardos, Lausos, Jacintos ni Riselos; todos eran Antonos, Domingos, Pablo o Llorentes..."

A importância de "**La Galatea**" na vida literária de Cervantes foi que tendo-lhe rendido mil e trezentos escudos animou-o a continuar escrevendo.

Aos trinta e sete anos casa com uma mocinha de dezenove, filha de pequenos proprietários, a qual nunca havia saído de sua aldeia natal. As reservas que faz sobre os sucessos de sua vida privada não permitem mais que supor das razões desse casamento tão deparelho: ou foi pela ingênua beleza campesina de Catarina ou pela ilusão de uma vida tranqüila, amparada no vinhedos e pomares, não muito substanciosos é verdade, da família da noiva.

Esse matrimônio fracassou. Após três meses de casado, ele volta à vida agitada de Madrid. Daí por diante a vida de Cervantes é uma série ininterrupta de fracassos financeiros, processos, injustas prisões e miséria.

Em 1604 é publicada a primeira parte de "**El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha**". Nesta obra, a que mais edições tem no mundo depois da Bíblia, mediante contínua contradição entre os dois personagens principais, D. Quixote e Sancho Pança, representantes um do mundo ideal e o outro do mundo real ("É o choque entre o sonho e a realidade", escreve

John Macy), dos quais no entanto se evadem continuamente para meter-se no âmbito contrário, procura demonstrar Cervantes a unidade destes dois amigos.

O sucesso da obra, apesar do pessimismo do editor, foi um fato. Já no primeiro ano, o êxito é tal que só em Madrid aparecem seis edições autorizadas. Formaram-se partidos — quixotistas e anti-quixotistas.

A má estrêla não abandonou, no entanto, a Cervantes, que no fim da vida, tendo escrito a obra mais importante do idioma castelhano e uma das obras capitais da literatura universal, continuava pobre e oprimido pelas desventuras que não lhe davam tréguas.

A 19 de abril de 1616, na dedicatória de "**Persiles y Segismundo**", deixou-nos suas últimas palavras, plenas de serenidade e estoicismo ante a morte, que sente próxima:

"Puesto ya el pie en el estribo
con las ansias de la muerte
gran señor ésta te escribo".

A 23 de abril de 1616 foi enterrado na tumba hoje desconhecida do cemitério de um convento.